

JORNAL: Folha Ilustrada (Museu de Arte Contemporânea da
Universidade de São Paulo) - Artes Plásticas
DATA: 07-02-65
LOCAL: São Paulo
TÍTULO: IVAN SERPA
AUTOR: José Geraldo Vieira

Cópia

IVAN SERPA

Decerto os leitores se lembram da contribuição de Ivan Serpa à VIII Bienal como exemplo esquemático da Nova Figuração. De fato, eram cinco cabeças, cada qual de dois metros quadrados no mínimo, e todas elas num esgar de sofrimento ou de pasmo, como se clamassem. Talvez duma dramaticidade retórica, parecendo carrancas grotescas.

Mas estes mesmos leitores que bem antes, na II e na III Bienal, viram do mesmo pintor a sua contribuição concretista, tipo Sophie Hans Taueber, e mais tarde a série de colagens, não de sem dúvida considerar a produção artística de Ivan Serpa neste decênio uma obra contraditória, cheia de antinomias e divergências, ora construtivista, ora informal, às vezes como que feita com régua, outras vezes como que resultante dum paroxismo gestual.

Contudo, há lógica na ambivalência do seu comportamento. Artista, na alta acepção do termo, fez passar todos os períodos da arte contemporânea diante da sua experimentação disponível. Assimilou a disciplina trigonométrica, saturou-se do informalismo, experimentou matéria e cor, textura e difusão, foi "fauve" e imagista, seguiu de perto o grupo nórdico do expressionismo "Cobra", até ficar na encruzilhada das opções. Aí, diante do mundo, da realidade, assumiu o compromisso de ser solidário não mais apenas com a natureza mas também e principalmente com a humanidade.

Munido de capacitações múltiplas, empíricas e artesanais, eruditas e dialéticas, optou por uma pauta paralela às

conjunturas do testemunho fiel. E é isso que notamos nestas breve retrospectiva de 63 (para cá exposta na rua 7 de Abril, pela política de colaboração em boa hora levada a efeito pelo Museu de Arte Contemporânea e pelo Museu de Arte de São Paulo enquanto a sede do primeiro no Ibirapuera se acha atravancada pelo acervo da Bienal).

Trata-se de 30 unidades figurativas, das series "Mulheres e Bichos", "Bichos", "Crepusculares" e "1965". Ivan Serpa usou nanquim, caneta esferográfica, tinta de impressão, tinta de escrever e guache. O mundo que ele registra em seus instantâneos tem às vezes analogias eventuais com o cosmo de Coutaud e D'Orgeix, de Fuchs e de Masson; porém logo se define numa demografia de outras latitudes e origens, mais além da orla do onírico e do mágico. A suposição (felizmente transitória) de que a pintura figurativa estava encerrada e perempta foi afinal anulada pela força criadora desses renovadores que sentem e transmitem a contingência humana dentro do currículo e do excepcional, do lubrico e do oligofrenico, através duma nova objetividade de expressão deformada até o delírio. E Ivan Serpa constitui no Brasil a trave mestra dessa construção kafkiana.